



A ICONOGRAFIA DO DRUIDISMO NO BRASIL

The iconography of Druidry in Brazil

Gustavo Lopes de Souza¹

Universidade de Brasília (UnB)

Maria Carolina D'avilla Moraes²

Universidade de Brasília (UnB)

DOI: 10.29327/256659.15.3-22

RESUMO:

O druidismo é uma religião que professa uma crença inspirada nos druidas, membros de uma classe sacerdotal que existiu entre os celtas antigos. Tendo por corpus os dados obtidos em uma pesquisa de campo junto ao druida contemporâneo Alexandre Malhado e imagens publicadas por grupos druídicos brasileiros na Internet, discutimos, após uma contextualização histórica, a presença da iconografia do druidismo em locais de culto, altares e espaços digitais brasileiros. Discutimos, ainda, como essa iconografia, originária em grande medida de países anglófonos, se propaga através da Internet, acomodando por vezes, ao chegarem ao Brasil, elementos da cultura, da fauna e da flora brasileiras, cuja presença é encorajada pelas doutrinas druídicas da sacralidade da natureza e das chamadas três famílias (família da alma, família da terra e família do sangue), que enfatiza a ligação com os povos originários brasileiros tanto quanto com os celtas antigos.

Palavras-Chave: Druidismo; Druidas; Celtas; Alexandre Malhado; Iconografia.

¹Professor no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Leciona atualmente história da arte antiga, medieval e renascentista. Interessa-se pela iconografia de tais períodos, pela recepção da Idade Média pela arte de períodos posteriores e pela relação entre a cosmologia e a história da arte. E-mail: gustavolopes@unb.br.

²Bacharel em Teoria, Crítica e História da Arte graduada pela Universidade de Brasília (UnB) em 2023. Produziu, entre 2019 e 2020, uma Pesquisa de Iniciação Científica dedicada a investigar o uso da iconografia céltica nas manifestações brasileiras do paganismo contemporâneo. E-mail: maria.davilla@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Durante o século XXI ganhou espaço no Brasil uma religião denominada druidismo. Seus praticantes, os druidistas, professam uma crença inspirada nos druidas, membros de uma classe sacerdotal que existiu entre os celtas antigos. Disseminado sobretudo na Europa e nas Américas, o druidismo contemporâneo é praticado tanto por grupos, no âmbito dos quais se transmite seus princípios, quanto por indivíduos isolados, que os estudam por conta própria.

Não existe entre os druidistas contemporâneos um conjunto unificado de crenças, mas alguns de seus princípios são particularmente disseminados entre os praticantes, sendo um deles aceito por virtualmente todos os druidistas: como afirma em seu site o grupo paulistano Caer Tabebuya, o druidismo “tem como princípio básico a sacralidade da Natureza”. De acordo com este grupo, para qual o druidismo assume o caráter de uma religião, seus deuses “manifestam-se na Natureza. Eles não são manifestações dela, mas ela Deles” (Guimarães, 2010).

O druidismo no Brasil foi objeto de alguns estudos acadêmicos (Guerreiro e Lopes, 2010; Castro, 2017; Bezerra, 2019; White, 2021a; White, 2021b). Pouca atenção se deu, contudo, à sua iconografia, definida aqui como o universo de imagens e símbolos visuais próprios de um contexto específico – no caso, o do druidismo³. Com base nos dados de uma pesquisa de campo realizada em Brasília-DF, nos sites de grupos druídicos brasileiros e nas suas páginas em redes sociais, discutiremos a iconografia do druidismo brasileiro e sua relação com a cultura celta e com os aspectos doutrinários do druidismo moderno. Convém, para tanto, contextualizar historicamente esta espiritualidade.

O DRUIDISMO MODERNO: UM PANORAMA HISTÓRICO

O druidismo brasileiro se insere no quadro maior do druidismo moderno, que se origina do grande interesse pelos druidas antigos na Grã-Bretanha do século XVIII. Vivia-se ali um renovado entusiasmo pelas raízes nativas da cultura nacional, na qual os druidas tinham sido

³ Com o termo imagem, designamos uma representação visualmente semelhante à forma do objeto representado. Com o termo símbolo, designamos uma representação que não guarde semelhança visual com seu objeto. Dito de outro modo, a imagem, no sentido empregado aqui, estabelece uma relação representacional direta com seu objeto (uma deusa antropomórfica representada por uma figura feminina antropomórfica, por exemplo) ao passo que, no caso do símbolo, a relação com o objeto é indireta (por exemplo, a abundância representada por um chifre).

proeminentes. Embora alguns, dando crédito a certas fontes romanas, desaprovassem os druidas devido aos ritos sangrentos de que eram acusados, outros viam neles filósofos eminentes (Hutton, 2011, p. 307) ou praticantes da religião monoteísta dos patriarcas bíblicos (Hutton, 2011, p. 128). Nesse contexto surgiram as primeiras associações druídicas, como A Sociedade Druídica de Anglesey, fundada em 1772, e A Ordem Antiga dos Druidas, fundada em 1781. Embora possuíssem elementos ritualísticos, reminiscentes da Maçonaria, tais associações não buscavam erigir uma religião, dedicando-se a propósitos seculares como a promoção da música e da poesia (Hutton, 2011, p. 243) – na qual, acreditava-se, parte da tradição druídica fora preservada (Hutton, 2011, p. 150) – e, no século XIX, a ajuda mútua entre seus membros (Hutton, 2011, p. 250). Associações como essas prosperaram longamente na Grã-Bretanha, contribuindo para a presença contínua dos druidas na imaginação britânica ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX.

Essas associações, porém, não foram a única forma em que o druidismo se constituiu: para alguns britânicos, já no século XVIII, ele começava a se tornar uma espiritualidade, enraizada nas ideias de Edward Williams, antiquário galês mais conhecido pelo seu nome bárdico Iolo Morganwg⁴. Iolo compartilhava com seus contemporâneos um interesse cultural pelos druidas, mas combinava-o a suas ambições de reformador espiritual. Afirmava, como outros antes dele, que os druidas e os patriarcas bíblicos professavam uma mesma religião (Hutton, 2011, p. 278), cuja mensagem se completara com Cristo (Morganwg, [1862]a) e fora preservada pelos bardos britânicos – especialmente os galeses – na forma de poemas, salvando-a, assim, da supressão pelo catolicismo romano (Hutton, 2011, p. 281). Proclamando-se druida, Iolo expôs uma teologia sincrética em poemas de sua própria invenção – fazendo-os passar por textos bárdicos autênticos – e em ensaios que os acompanhavam. Más ações nesta vida, explicava, resultavam na reencarnação em um corpo animal, enquanto que as boas resultavam numa nova e mais perfeita encarnação humana, culminando na chegada ao Paraíso (Hutton, 2011, p. 278).

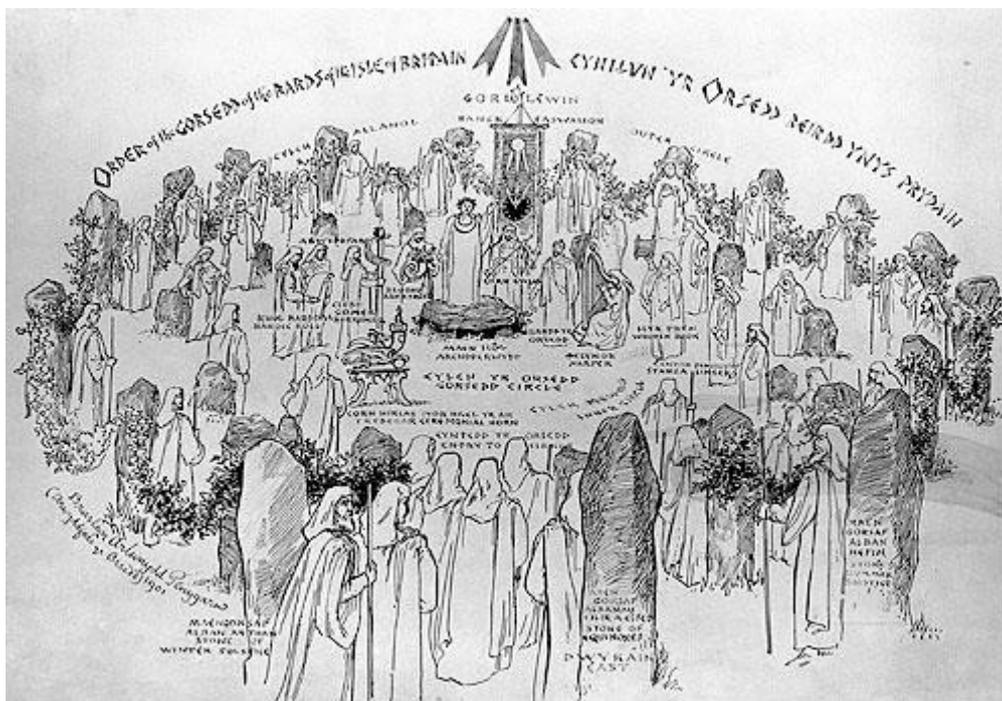
Para Iolo, os bardos não tinham sido simples rapsodos, mas membros de uma ordem venerável composta de quatro estamentos: os Bardos propriamente ditos (designados por

⁴ Ou seja, Iolo de Glamorgan. O toponímico gaélico “Morganwg” faz referência a Bro Morgannwg (Vale de Glamorgan), região galesa onde nasceu Iolo.

ele com maiúscula), poetas e mestres da tradição; os Druidas, Bardos dedicados à religião e à instrução dos jovens; os Ovatos, Bardos que se distinguiram nas ciências e nas letras; e os Awenyddion, aprendizes destinados a uma das três supracitadas classes bárdicas (Hutton, 2011, p. 279).

Iolo chamou de gorseddau (gorsedd, no singular) as reuniões formais de Bardos e se pôs a organizá-las e presidi-las. Essas reuniões ocorriam ao ar livre, em locais marcados por um círculo de pedras (Hutton, 2011, p. 280) – reminiscência de círculos megalíticos pré-históricos que, à época, acreditava-se terem sido obra dos druidas antigos. Uma representação tardia de um gorsedd (Figura 1) mostra Bardos reunidos e um círculo de pedras enfeitado com guirlandas. Encimando a composição encontra-se um símbolo similar ao “símbolo sagrado” druídico que, de acordo com Iolo, se compunha de três linhas divergentes e significava “as três colunas da verdade” (Morganwg, [1862]b).

Figura 1: T. H. Thomas, Plano para o Círculo de Pedras de Gorsedd dos Bardos, 1901



Fonte: <https://www.casgliadywerin.cymru/items/19238>. Acesso em 23/04/2022⁵.

⁵ Em /06/05/2023 solicitamos, por e-mail enviado à People's Collection Wales, permissão para reproduzir esta imagem. Até o momento da aprovação final do artigo, a autoria não recebeu resposta, ao contrário das demais imagens.

Na medida em que se apresentava como uma reforma do cristianismo, e não como uma alternativa a este, o movimento espiritual criado por Iolo não se classifica facilmente como uma nova religião, mas foi certamente um passo nessa direção, distinguindo-se dos movimentos meramente culturais e sociais que o precederam. Sua influência sobre o druidismo foi profunda e duradoura, revelando-se, por exemplo, na importância do número 3 para o druidismo e nas aproximações entre este e o hinduísmo.

Entretanto, a imagem dos druidas legada por Iolo transformou-se grandemente com o passar do tempo. A maneira tradicional, originada no século XVIII, de encará-los – como membros de uma espiritualidade mais ou menos integrada ao cristianismo – permaneceu viva até o século XX, mas o contexto lhe era então menos favorável: de um lado, o conhecimento a respeito dos celtas antigos, consideravelmente ampliado, tornara cada vez mais difícil de sustentar a associação entre estes e a tradição abraâmica, evidenciando o caráter pagão de sua religião; de outro lado, a fundação, nos anos 1950, da religião neopagã Wicca por Gerald Gardner, ex-membro de uma associação druídica britânica, ajudou a naturalizar o paganismo como uma espiritualidade viável na Europa moderna.

É difícil dizer quando, exatamente, o paganismo se tornou proeminente entre os druidistas, mas é certo que, quando a Wicca foi fundada, já existia certa movimentação nesse sentido. Em escritos publicados entre 1890 e 1911, o escritor galês Owen Morgan atribuiu aos druidas a crença em um deus-Sol e uma deusa da Terra, sendo essa crença professada, nos anos 1940, pelo grupo druídico britânico Elo Universal (Hutton, 2011, p. 688). Na França, onde uma espiritualidade druídica emergira nas primeiras décadas do século XX, é fundada em 1936 a Fraternidade Antiga dos Homens do Carvalho, grupo druídico que visava restabelecer os ritos pagãos celtas (Le Tallec, 2006, p. 29-34).

O druidismo chega aos Estados Unidos em 1963, quando um grupo de estudantes de Carleton College, Minnensota, em protesto contra a presença obrigatória nos serviços religiosos da faculdade, decide criar sua própria associação religiosa, fundando a ordem dos Druidas Reformados da América do Norte. Para o ingresso na ordem exigia-se apenas a crença em dois princípios:

1. Druidas reformados norte-americanos creem que um dos muitos caminhos nos quais o objeto da busca do homem pela verdade religiosa pode ser encontrado é através da Natureza, a Mãe-Terra.
2. Druidas reformados norte-americanos acreditam que a Natureza, sendo uma das preocupações essenciais da vida e das lutas do homem, e sendo um dos Objetos da Criação, é importante para as buscas espirituais do homem⁶. (Reformed Druids of North America, s/d).

O objetivo inicial dos druidas reformados foi rapidamente alcançado, tendo a presença obrigatória nos serviços religiosos sido revogada em 1964, mas, para a surpresa de seus fundadores, a demanda pelos seus ritos perdurou. Contribuiu para isso, provavelmente, a sintonia entre o seu credo e o nascente movimento ambientalista, que se tornava popular entre os jovens das sociedades industriais. Deve tê-los atraído, também, os dois modos pelos quais era possível acercar-se do druidismo: este podia, de um lado, ser tratado como uma religião, saciando a sede de espiritualidade de quem não se sentisse à vontade com as alternativas tradicionais; mas podia igualmente, dada a natureza aberta de seus princípios, ser tratado como uma tradição filosófica ou um modo de vida, compatível com a fé em qualquer religião – de fato, judeus e cristãos contavam-se entre os membros da ordem.

Esta segunda atitude perdura até hoje: uma das principais associações druídicas anglófonas, A Ordem dos Bardos, Ovates e Druidas, refere-se ao druidismo como “um modo de existir no mundo” e “um caminho espiritual – uma religião para uns, um modo de vida para outros” (Order of Bards, Ovates, and Druids, s/da). Por essa razão, há quem prefira, em vez de “religião”, o termo “espiritualidade” ao referir-se ao druidismo, conforme a conceituação do druida⁷ brasileiro Wallace Cunobelinos: “o druidismo é a espiritualidade renascida e inspirada pelos antigos sacerdotes dos antigos povos celtas, os druidas” (Cunobelinos, 2017).

⁶ No original:

“1. North American Reformed Druids believe that one of the many ways in which the object of man's search for religious truth can be found is through Nature, the Earth-Mother.

“2. North American Reformed Druids believe that Nature, being one of the primary concerns in man's life and struggle, and being one of the Objects of Creation, is important to man's spiritual quests.” (Tradução nossa).

⁷ Diferentemente do mundo anglófono, onde é comum chamar de “druid” os druidistas em geral, no Brasil o termo “druida” reserva-se em geral aos druidas antigos e ao grau conferido a um druidista que comprovou um conhecimento aprofundado das tradições, dos princípios e dos ritos druídicos.

O druidismo parece ter chegado ao Brasil entre as décadas de 1970 e 1980⁸, tendo-se disseminado de forma mais expressiva no século XXI e contando, em 2015, com praticantes em 14 estados (Almeida, 2022). Não existe entre esses praticantes um credo unificado: 10% daqueles que responderam ao Censo Druídico Brasileiro professaram o monoteísmo, enquanto que os politeístas (66%) se dividem quanto a qual panteão céltico (irlandês, escocês etc.) veneram (Almeida, 2022). Tampouco os ritos são uniformes, podendo variar de grupo para grupo e de um indivíduo para o outro.

Essa variedade, contudo, é perpassada pelo princípio druídico da sacralidade da natureza. No Brasil como no resto do mundo, esse princípio reverbera para além da doutrina e do rito, traduzindo-se também na preocupação com o meio ambiente e pelo engajamento em sua proteção, como exemplificam os títulos dos textos reunidos sob a tag “ambientalismo” no site do grupo Caer Tabebuya: “50 mandamentos para o ecocidadão”, “Água, um bem a ser respeitado”, “Dicas para o viver sustentável” (Caer Tabebuya, s/d) etc.

Esse engajamento concreto com a natureza demanda, inevitavelmente, uma atenção às suas especificidades locais, exemplificada, no caso brasileiro, pela adoção do ipê amarelo como árvore sagrada – uma equivalente autóctone do carvalho, venerado pelos druidistas europeus. No caso do grupo paraense Clann an Samaúma, a escolha recaiu sobre a Samaúma, uma imponente espécie amazônica. Nossa investigação da iconografia e dos símbolos druídicos no Brasil começará por este grupo.

ICONOGRAFIA NOS LOCAIS DE CULTO

Criado em 2011, com o nome de Nemeton Samaúma, o Clann an Samaúma (“Clã da Samaúma”, em gaélico irlandês) exerceu suas atividades até 2019, tendo entre seus locais de culto o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará. O museu abriga um acervo

⁸ São escassas as fontes primárias a respeito desse início: as informações disponíveis encontram-se em fontes mais recentes, como a Apostila do Curso Semente da Ordem Druídica Ramo de Carvalho, de 2016 (cf. Castro, 2012: 45) e material online produzido por druidistas. É o caso de um post de 2012 no blog A Voz do Druida, segundo o qual o druidismo apareceu no Brasil no “final da década de 70, início de 1980”, em Maceió-AL, introduzido pelo druida Savu Septimus de Morosini (Willian, 2012). De acordo com o blog, Morosini era filiado ao grupo francês Colégio Druídico das Gálias. Karina Oliveira Bezerra (2019, p. 259-260), contudo, afirma em sua tese de doutorado que Morosini era, na realidade, filiado ao Colégio Internacional de Estudos Celtodruídicos, fundado na França, e que o primeiro afiliado brasileiro ao Colégio Druídico das Gálias foi um grupo sediado em Niteirói, o Colégio Druídico do Brasil, fundado na década de 1980 e coordenado pelo druida DeruLug (Lachesis Lustosa de Melo) e pela druidesa Laura.

etnográfico e consiste, também, de um parque zoobotânico, ocupando cerca de 5,2 hectares. Como aponta Dannyel de Castro, em seu estudo etnográfico acerca do Clã, ritos e as celebrações realizadas no museu ocorriam na clareira de uma samaúma (chamada pelo grupo de “mãe samaúma”), à qual geralmente se faziam preces e oferendas (Castro, 2017, p. 21). É comum, entre grupos e mesmo indivíduos druidistas, a consagração de uma área verde a essas atividades: esta se torna, então, seu nemeton, termo de origem gaulesa normalmente traduzido como “bosque sagrado” (Dunn, 2005, p. 7).

Figura 2: Torre e pátio das Ruínas do Castelo. Fotografia de Adriano Magalhães



Fonte: Agência Belém de Notícias⁹

O Clann an Samaúma se reunia, também, no Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, em cuja vasta área verde – uma seção da floresta original preservada na área urbana de Belém – se encontra uma curiosa construção em tijolos, escolhida pelo grupo para suas reuniões (Figura 2). Datada, possivelmente, do final do século XIX (De Souza, 2017, p. 12) e conhecida como Castelo do Bosque ou Ruínas do Castelo, a construção se compõe de uma

⁹

Disponível

em

https://agenciabelem.com.br/Resize/CreateThumbnail?path=/multimediaSGN/galeria/82197/82197_263130.jpg&maxHeight=870&maxWidth=870. Acesso em 03/11/2022. Em 04/10/2024 solicitou-se, por e-mail enviado à Agência Belém de Notícias, permissão para reproduzir esta imagem. Até o momento da aprovação final do artigo, a autoria não recebeu resposta, ao contrário das demais imagens.

estrutura circular e de uma torre contígua, em cujo topo se entrecruzam dois arcos. Trata-se de uma falsa ruína – uma construção erguida intencionalmente em um estado ruinoso, popular no paisagismo europeu dos séculos XVIII e XIX. Existem em Belém outras falsas ruínas, erguidas no início do século XX para evocar um passado romântico e medieval, conferindo um toque de fantasia à paisagem circundante, exatamente como suas contrapartes europeias. Sua eleição como local de culto foi, provavelmente, motivada por fatores complementares – entre eles a coincidência entre sua forma e um dos mais difundidos símbolos do druidismo: o círculo.

De acordo com o grupo britânico Ordem dos Ovatos, Bardos e Druidas, o círculo representa no druidismo “o ciclo de nossas vidas e do mundo natural”¹⁰ (Carr-Gomm, 2020). É evidente, ademais, a ligação entre a forma circular e certas atividades do grupo, como rodas de conversa e danças circulares. Aliada à sua relativa antiguidade e à sua estrutura aberta – desprovida de teto e com múltiplas e amplas entradas – a forma das ruínas aproxima os druidistas amazônicos dos círculos megalíticos longamente associados aos celtas e aos druidas antigos, assim como aos gorseddau organizados pelos seus êmulos mais recentes. Combinadas ao bosque circundante, é possível que remetam também às florestas onde se ambienta o Ciclo Arturiano, conjunto de narrativas literárias medievais centradas no lendário rei britânico Arthur e nos cavaleiros de sua Távola Redonda.

Devido a suas raízes célticas, o Ciclo Arturiano é considerado pelos druidistas uma parte fundamental da tradição druídica (Order of Bards, Ovates, and Druids s/db). Assim, em sua qualidade de local de culto, as Ruínas do Castelo parecem remeter ao que os druidistas chamam de família da alma (os celtas antigos, a quem se sentem ligados por uma espiritualidade em comum), que juntamente com a família de sangue (os parentes consanguíneos) e família da terra (os povos que tradicionalmente ocuparam o espaço em que vivem – no caso brasileiro, os indígenas – e os espíritos que ali permanecem) compõe as chamadas três famílias do druidismo¹¹ (Castro, 2017, p. 20).

Assim como o chão de areia batida, a já mencionada estrutura aberta das ruínas favorece a sensação de conexão com a natureza, deixando-a visível o tempo todo e

¹⁰ No original: “the cycle of our lives and of the natural world” (tradução nossa).

¹¹ Essa doutrina das três famílias, que não pudemos encontrar em referências anglófonas ou francófonas, parece ter desenvolvido-se no âmbito do druidismo brasileiro.

estabelecendo uma continuidade entre seu interior e seu exterior. Contribui para isso, também, a aparência desgastada das ruínas, que parecem prestes a serem retomadas pela floresta – uma ideia particularmente evocada pela torre cônica, sobre a qual cresce uma luxuriante vegetação.

Como as ruínas do castelo e o museu Goeldi, a maior parte dos locais de culto druídico não foi erguida com este fim. Em alguns casos, os grupos se reúnem na residência de um dos membros ou numa área verde desprovida de construções. Sediado em Florianópolis-SC, o grupo *Caer Ynis* se reúne preferencialmente à beira-mar, nas proximidades de um petróglifo encontrado pelo grupo em 2008 (Figura 3). Chamada pelo grupo de “Graal”, a gravura se parece com outros petróglifos existentes no litoral de Santa Catarina. O termo “graal” aparece pela primeira vez no romance de cavalaria em versos *Perceval*, um importante texto do Ciclo Arturiano.

Escrito no século XII por Chrétien de Troyes, *Perceval* narra a jornada do protagonista homônimo ao castelo que abriga um graal (tigela ou bacia) dotado de propriedades extraordinárias; este recipiente se torna, no romance de cavalaria *José de Arimateia* (século XIII), o Santo Graal – o cálice usado por Cristo da Última Ceia, e depois, segundo o romance, por José de Arimateia para para recolher o sangue que escorre de Cristo crucificado (Eco, 2013, p. 251-252). As origens do Graal, contudo, remontam a antes de Chrétien, tendo uma versão pagã do objeto, um caldeirão mágico, figurado em narrativas celtas mais antigas (Matthews, 1996, p. 25).

Esta origem contribui para a proeminência do graal na simbólica do druidismo: “Quando entendido dessa maneira, o Graal emerge inicialmente com um símbolo pagão, abraçado pelos Celtas e Druidas, entre outros. Como um símbolo da Mãe Deusa ele é ideal, na medida em que representa tanto o útero quanto o seio.¹²” (Order of Bards, Ovates, and Druids, s/db) O Graal de Florianópolis evoca, assim, tanto a família da terra – os ancestrais pré-cabralinos que gravaram a pedra – quanto a da alma.

¹² No original: “When understood in this way, the Grail emerges first as a pagan symbol, embraced by the Celts and Druids amongst others. As a symbol of the Mother Goddess it is ideal as it represents both womb and breast.” (tradução nossa).

Figura 3: O Graal.

Fonte: domínio público na internet¹³

Encontramos, ainda, um local construído expressamente para uso druídico no Brasil: a Casa Circular, em Curitiba-PR. Apesar do nome, trata-se de uma construção octogonal, circundada por um gramado e por um bosque, cuja vista se beneficia das amplas janelas de vidro da Casa. Uma cariátide em madeira, representando uma figura feminina em um traje vagamente antigo – com um seio à mostra, à maneira de uma mênade – parece evocar o paganismo celta. Seu estilo rústico se harmoniza com o teto de palha da casa e contribui, como este, para a sensação de continuidade entre a construção e a natureza em volta, de modo análogo ao que vimos nas Ruínas do Castelo.

A ICONOGRAFIA NOS ALTARES E ESPAÇOS DIGITAIS

As oferendas aos deuses venerados no druidismo são feitas sobre altares, que figuram com frequência em redes sociais e websites druidistas. No druidismo praticado no Brasil podemos distinguir dois tipos de altares: permanentes, geralmente localizados em residências e

¹³ Disponível em <https://caerynis.wordpress.com/2008/12/26/solsticio-de-verao-2008/#jp-carousel-39>. Acesso em 14/04//2022.

destinados a um uso individual; e temporários, destinados em geral a ritos coletivos, consistindo de uma pequena mesa sobre a qual se dispõem os objetos litúrgicos ou, simplesmente, destes objetos dispostos no chão, geralmente sobre uma toalha. Os altares permanentes são geralmente montados sobre móveis, mas, como explica o druida Alexandre Malhado, podem também ser montados no interior de um armário ou de uma caixa, ou em outro local em que se possa “bater os olhos” por acidente (Malhado, 2010).

De acordo com Malhado (Malhado; [informação retirada devido à avaliação por pares cega], 2019) e com o que observamos nas diversas imagens de altares druidistas disponíveis online, os altares não possuem um padrão fixo de organização, assumindo uma formação orgânica, que varia de um praticante para o outro. Objeto da pesquisa de campo que origina este estudo, o altar de Malhado contém imagens de divindades e outras figuras de destaque, numeradas na Figura 7: deusa Brigit (1), evocada também pelo seu símbolo, a Cruz de Brigit (6), feita, conforme o costume, de palha trançada; a deusa Airmid (2); uma pequena fada (3) dedicada a representar o Povo Bom (como são chamadas as fadas no druidismo) e o carinho por sua líder, a deusa Aine; a deusa Blodeuwedd (4); o deus Cernunnos (5); e o deus Taranis (7).

Todas as deidades apontadas fazem parte dos panteões celtas que se conhecem atualmente, ainda que a aparência de suas representações no altar se distancie, em diferentes graus, de suas representações celtas antigas, como exemplifica a imagem de Taranis, representado entre os celtas como uma figura masculina barbada e no altar por uma estatueta em pose de meditação (certamente uma imagem budista em seu contexto original), e a de Cerunnos, que figura na arte antiga como uma figura masculina com galhadas de cervo e no altar como um cervo dourado.

Figura 4: Altar religioso de Alexandre Malhado



Foto: Maria Carolina Davilla Moraes

Figura 5: Altar montado pelo grupo Caer Ynis



Fonte: disponível na internet

Diferentemente dos altares permanentes, normalmente montados próximos das paredes de cômodos, os altares druídicos móveis localizam-se em geral no centro de um local de culto. Fotografias publicadas em websites e redes sociais exemplificam a variedade de configurações assumidas pelos altares druídicos no Brasil. Em um altar montado no interior da Casa Circular, encontramos, dispostos sobre uma mesa, um chifre apoiado num

tripé, recipientes com oferendas, um caldeirão em miniatura, uma foice e dois objetos encontrados também no altar de Malhado: uma vela e um incensório. A foice e o pequeno caldeirão se encontram igualmente em um altar montado pelo grupo Caer Ynis (Figura 5), juntamente com uma lamparina, uma pedra, um pequeno punhal, um graveto e uma lança em miniatura, decorada com grafismos indígenas.

Esta lança, como uma folha de espada-de-são-jorge encontrada em outro altar do mesmo grupo, remete à já mencionada família da terra, evocada também por outros elementos encontrados em altares druídicos pelo Brasil, como o colar emplumado que circunda uma imagem da Mãe-Terra, em um altar do Clann an Samaúma, e o maracá que compõe um altar do grupo Carvalhos e Jatobás. Outros elementos encontrados em altares druídicos pelo Brasil incluem sementes, frutos, flores, uma espada e um crânio de animal, além de uma caveira em resina decorada com motivos celto-germânicos, de um tipo facilmente encontrado em lojas online de artigos esotéricos.

A maior parte dos elementos aqui mencionados figura também em altares druídicos estrangeiros. Alguns significados e funções desses elementos são recorrentes nesses altares, embora verifique-se, às vezes, variações no significado e na função de um mesmo elemento. A foice, que aparece com frequência na mão de um druida em representações artísticas, evoca a recolha de ervas e as propriedades destas, cujo conhecimento se atribui aos druidas desde a Antiguidade. O chifre evoca o Hirlas ou cornucópia, simbolizando a abundância. A espada, presente desde o primeiro gorsedd, pode, como vimos, simbolizar o compromisso dos druidistas com a paz, mas pode também evocar a espada Excalibur, usada pelo mítico rei Arthur (Greer, 2021: 167).

O caldeirão, que às vezes contém água, pode simbolizar a transformação (Van Der Hoeven, 2016), mas também um dos quatro tesouros míticos dos celtas, o Caldeirão de Dagda (Van Der Hoeven, 2019, p. 85-86); seus usos rituais incluem a queima de certos itens em seu interior e a divinação (Van Der Hoeven, 2019, p. 190). A vela pode simbolizar o elemento fogo (Jennings, 2002, p. 44) e honrar a deusa associada a ele, Brigit (Van Der Hoeven, 2019, p. 305), mas pode também auxiliar na meditação, servindo como ponto focal (Van Der Hoeven, 201, p. 255), “limpar a energia” do local de culto (Van Der Hoeven, 2019, p. 190) ou servir como uma lanterna para que os mortos encontrem o caminho para as

oferendas durante o Samhain (Van Der Hoeven, 2019, p. 96) – rito anual durante o qual, segundo o druidismo, eles visitam o mundo dos vivos. A lanterna possui as mesmas funções da vela, mas é mais adequada a espaços abertos (Van Der Hoeven, 2019: 215).

A lança (que encontramos, sem grafismos ameríndios, em um altar britânico) remete a outro dos quatro tesouros míticos, a Lança de Lugh, associada ao elemento fogo (The Druid Network, s/d) e à direção sul (Van Der Hoeven, 2029, p. 204-205). Pedras e cristais, por fim, podem ser infundidos com o poder da luz do sol (Van Der Hoeven, 2019, p. 261-262) ou com poder mágico para se tornarem talismãs.

Figura 6. Bellouesus Isarnos. O Awen e o triskelion na logomarca do III Encontro Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta.



Fonte: domínio público na internet¹⁴

Em um pequeno número de altares brasileiros reproduzidos na Internet se podem ver dois símbolos que, no entanto, são bastante difundidos entre materiais como templates e logomarcas de grupos druídicos: o Awen (mais raramente tratado como uma palavra do gênero feminino) e o triskelion, que figuram entrelaçados na logomarca do III Encontro Brasileiro de Reconstrucionismo Celta (Figura 6), ao lado de um quero-quero (*Vanellus chilensis*), outra menção da natureza local. O Awen, composto de três pequenos círculos e

¹⁴ <https://ebdrc.wordpress.com/#jp-carousel-63>. Acesso em 05/12/2220.

de três raios que deles emanam, baseia-se em um símbolo criado por Iolo Morganwg, embora este o chame apenas de “símbolo sagrado” (Morganwg, [1862b]) e não de “Awen”. Para os bardos galeses medievais e modernos, “awen” significava inspiração, particularmente aquela de origem divina (Hutton, 2011, p. 641).

É assim, com efeito, que o termo é traduzido em alguns textos druídicos contemporâneos, no Brasil e fora dele, mas ele pode assumir outros significados: um post do Conselho Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta no Facebook, por exemplo, aponta que uma tradução possível seria “espírito fluente” (Conselho Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta, 2021), versão lusófona, com exclusão do artigo definido, de “the flowing spirit”, amplamente adotada por druidistas anglófonos (The British Druid Order, s/d).

As três linhas convergentes que compõem o “símbolo sagrado” de Iolo Morganwg simbolizavam, para ele, “as três colunas da verdade” e “as três colunas da ciência” (Morganwg, [1862b]), mas também o nome de Deus (Morris, 1984, p. 155). Os três círculos na parte superior não existiam na versão de Iolo, mas seus protótipos já existiam na gravura de 1901 reproduzida anteriormente (Figura 1), sob a forma de três pontos e, alternativamente, de um único grande círculo. Para a Ordem Druídica Britânica, os três círculos, juntamente com as três linhas, simbolizam “entre outras coisas ... a tripla natureza do caminho do druida, incorporando os caminhos do Bardo, Ovate e Druida.” (The British Druid Order, s/d). Já o triskelion, nome moderno para a espiral tripla que remonta à Europa neolítica (Cunliffe, 2010, p. 22), foi amplamente empregado na arte celta antiga, mas não se conhece seu significado nesse contexto.

Embora apareça com frequência em páginas e websites druídicos, interpretações deste símbolo são relativamente raras nesses espaços, assim como em livros. Encontramos uma delas no website brasileiro Templo de Avalon, dedicado ao druidismo e à Wicca. De acordo com o site, o triskelion simboliza as várias tríades que estruturam concepções cosmológicas e espirituais druídicas: Terra, Mar e Céu; Submundo, Mundo Intermediário e Mundo Superior; as fases Crescente, Cheia e Minguante da Lua etc. (Senéwéen, 2009).

Figura 7: Logomarca do grupo brasileiro Carvalhos e Jatobás.

Disponível na internet¹⁵

O carvalho – cujas folhas, de acordo com Plínio, eram usadas nos ritos dos druidas da Gália (História Natural, XVI, XCV.) – completa o quadro dos principais símbolos druídicos contemporâneos. Tendo figurado na arte celto-romana antiga (Aldhouse-Green, 1992, p. 207), o carvalho aparece com frequência em objetos e materiais digitais druídicos contemporâneos, às vezes metonimicamente, na forma de uma única folha, às vezes numa forma estilizada, como na logomarca do grupo brasileiro Carvalhos e Jatobás (Figura 7). A união de elementos locais e estrangeiros, mencionada anteriormente, aparece aqui no entrelaçamento entre um carvalho e um jatobá, que remetem também aos padrões de entrelaçamentos característicos da arte celto-germânica medieval.

¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/Carvalhos-e-Jatobas-996813937193508/photos/996833660524869/>. Acesso em 14/04/2023. Em 04/10/2024 solicitou-se, através da página no Facebook do grupo Carvalhos e Jatobás, permissão para reproduzir esta imagem. Até o momento da aprovação final do artigo, a autoria não recebeu resposta, ao contrário das demais imagens.

AS REPRESENTAÇÕES BRASILEIRAS DAS DIVINDADES

É difícil encontrar na Internet representações brasileiras de divindades celtas. Quando essas divindades figuram em páginas e sites druídicos brasileiros, tratam-se quase sempre de obras de artistas estrangeiros. Uma exceção notável – a única que encontramos – é a série de representações de deusas celtas (Figura 1) desenhadas pela tatuadora Luana Dorea, radicada em Salvador-BA. A série utiliza, de modo geral, elementos bem estabelecidos da iconografia celta tradicional, como galhadas de cervo, e também da iconografia druídica mais recente, como a chama na mão da deusa Brigit, além de elementos não comumente encontrados nesta iconografia, como a constelação tatuada no braço da deusa Arianrhod (Figura 8) e, no mesmo desenho, um halo estrelado, tomado emprestado, talvez, de representações da Virgem Maria.

Cada desenho acompanha um texto sobre a respectiva deusa, publicado como postagem nas páginas do Facebook e do Instagram do grupo druídico soteropolitano Espiral das Deusas Celtas ao longo de 2022. A ênfase no gênero feminino – não encontramos representações de deuses do gênero masculino nas páginas – se explica pela natureza do grupo, autodefinido como “um círculo de mulheres que buscam se conectar com o Sagrado Feminino e a Espiritualidade Celta através do contato com 12 Deusas da Soberania presentes nas mitologias da Irlanda, País de Gales e Escócia.” (Espiral das Deusas Celtas, 2023).

A série de desenhos reflete, assim, a história curiosa do papel dos gêneros no druidismo, que, de um início quase inteiramente protagonizado por homens, confere na contemporaneidade um grande protagonismo às mulheres, as quais respondem por uma parcela significativa dos livros, das organizações de eventos e do material online publicado a respeito do druidismo nos últimos anos, além de comporem a maioria (53,21%) dos druidistas que responderam ao Censo Druídico Brasileiro (Almeida, 2015). A existência de deusas e sacerdotisas mulheres no druidismo certamente tem certamente algo a ver com isso, mas cabe ressaltar, novamente, o papel do romance feminista *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, primeiro contato de diversas druidistas com a cultura celta e referência importante nas postagens da Espiral das Deusas Celtas.

Figura 8: Luana Dorea, Arianrhod, Senhora das Estrelas.



Fonte: arquivo da internet¹⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os símbolos e a iconografia do druidismo brasileiro se fundamentam, em grande medida, nos simbolismos e na iconografia do druidismo europeu e norte-americano, que se difunde através de objetos de temática celta produzidos em massa e, sobretudo, através de imagens exibidas em páginas e redes sociais de grupos druídicos e indivíduos druidistas. Ao mesmo tempo, elementos tipicamente brasileiros aparecem com frequência nos altares druídicos locais. A adoção destes elementos é fortemente encorajada pelas doutrinas druídicas da sacralidade da natureza – que demanda a consideração da fauna e da flora brasileiras – e das três famílias, que enfatiza a ligação com os povos originários brasileiros.

16

Disponível

em

<https://www.facebook.com/espirdasdeusasceltas/posts/pfbid0RZpDfyRBae8ejeFuQJsHY1ikJwWTcw3JzVHsJmL3ZiZKuHTgAQ5QpLCGWPd8t7inl>. Acesso em 16/06/2023.

Complementam esses repertórios objetos industrializados cujo sentido original não tem relação com o druidismo, mas aos quais, posteriormente, se atribuem significados druídicos, a exemplo da imagem do Buda convertido em Taranis.

A representação de divindades celtas por artistas brasileiros parece ser rara, a julgar por sua presença online. Os materiais divulgados por grupos druídicos brasileiros na Internet permitem traçar um quadro amplo, mas incompleto, dos símbolos e da iconografia druídicos no país. Estudos de campo subsequentes podem alterar esse quadro de forma significativa, especialmente se levarem à descoberta de mais representações brasileiras de deuses celtas.

REFERÊNCIAS

- ALDHOUSE-GREEN, Miranda Jane. *Animals in Celtic Life and Myth*. Londres: Routledge, 1992.
- ALMEIDA, José Paulo. *Censo Druídico Brasileiro*. 2015. Disponível em: <https://coregnato.files.wordpress.com/2015/09/resultado-censo-2015.pdf>. Acesso em 02/11/2022.
- BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: a magia da Realidade*. Tese (doutorado). Universidade Católica de Pernambuco. 2019. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1124>. Acesso em 12/07/2022.
- CAER TABEBUYA. *Ambientalismo* [tag no website do grupo Caer Tabebuya]. s/d. Disponível em: <https://www.druidismo.com.br/Index/ambientalismo/ambientalismo.html>. Acesso em 14/05/2022.
- CARR-GOMM, Philip. *Spirits of the Circle: The Mystery of Identity*. 2020. Disponível em: <https://druidry.org/resources/spirits-of-the-circle-the-mystery-of-identity>. Acesso em 22/01/2024.
- CASTRO, Dannyel de. Entre carvalhos e samaúmas: a espiritualidade céltica contemporânea entre a eco-religiosidade e a identidade regional. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 34-59, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/33579>. Acesso em 10/07/2022.
- CONSELHO BRASILEIRO DE DRUIDISMO E RECONSTRUCIONISMO CELTA. *Cosmologia: A Awen*. 2021. Disponível em <https://www.facebook.com/conselho.celta/posts/2248862328578418/>. Acesso em 03/04/2023.
- CUNLIFFE, Barry. *Druids: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CUNOBELINOS, Wallace. Wallace Cunobelinos – *Conselho Brasileiro de Druidismo e Reconstrucionismo Celta*. Vídeo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uzswFzIC52w>. Acesso em 14/06/2022.

DE SOUZA, Gustavo Lopes. Falsas Ruínas em Belém do Pará. In: *Encontro Nacional da ANPAP*, 26, 2017, Campinas. Anais. p. 708-7022. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/HTCA/26encontro_____SOUZA_Gustavo_Lopes_de.pdf. Acesso em 03/11/2022.

DUNN, Richard. Four possible nemeton place-names in the Bristol and Bath area. *Landscape History*, 27:1, 2005, p. 17-30. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/01433768.2005.10594569>. Acesso em 05/011/2022.

ECO, Umberto. As migrações do Graal. In ECO, Umberto. *História das terras e lugares misteriosos*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ESPIRAL DAS DEUSAS CELTAS. *Espiral das Deusas Celtas*. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/espirdasdeusasceltas/posts/pfbidOfUJAakv7ztTQxSEyXyD4HWrEyX45qUCyeG2KYWnEfurH5vAs3FLZKdWukJXgNsrl>. Acesso em 04/06/2023.

GREER, John Michael. *The Book of Druidry: Spiritual Practice Rooted in the Living Earth*. Newbury port, MA: Weiser Books, 2021. P. 167.

GUERREIRO, Silas; LOPES, Marina Silveira. Druidismo à brasileira: um exemplo de ecoreligiosidade na sociedade atual. *Caminhos*, v.8, n.2, p.11-24, 2010. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1296>. Acesso em 08/07/2022.

GUIMARÃES, Andrea. *As deidades no druidismo*. 2010. Disponível em: https://www.druidismo.com.br/Index/Druidismo/Entries/2010/10/11_as_deidades_no_druidismo.html. Acesso em 23/04/2022.

Hutton, Ronald. *Blood and Mistletoe: the history of the druids in Britain*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2011. p. 307.

JENNINGS, Peter. *Pagan Paths: A Guide to Wicca, Druidry, Asatru Shamanism and Other Pagan Practices*. Londres: Rider, 2002. p. 44.

LE TALLEC, Cyril. *Mouvements et sectes néo-druidiques en France: (1935-1970)*. Paris: L'Harmattan, 2006.

MALHADO, Alexandre. *Seu primeiro altar*. 2010. Disponível em: <https://bardomalhado.wordpress.com/2010/10/10/seu-primeiro-altar/>. Acesso em 15/05/2022.

MALHADO, Alexandre. *[informação retirada devido à avaliação por pares cega]*. 2019. Disponível em: *[informação retirada devido à avaliação por pares cega]*. Acesso em 16/07/2023.

MATTHEWS, John. The Celtic Dream. In MATTHEWS, John (org.). *Sources of the Grail: an anthology*. Lindisfarne press: Guildford, 1996.

MORGANWG, Iolo. The Origin of Man. – Jesus Christ. – . Creation. In: Iolo Morganwg e Williams ab Ithel (ed.). *The Barddas of Iolo Morganwg*. Vol. I, [1862]. Disponível em <https://www.sacred-texts.com/neu/celt/bim1/bim1103.htm>. Acesso em 26/04/2022.

_____. The Sacred Symbol. In: Iolo Morganwg e Williams ab Ithel (ed.). *The Barddas of*

Iolo Morganwg. Vol. I, [1862]. Disponível em: <https://www.sacred-texts.com/neu/celt/bim1/bim1033.htm>. Acesso em 26/04/2022.

MORRIS, Jan. *The Matter of Wales: Epic Views of a Small Country*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

ORDER OF BARDS, OVATES AND DRUIDS. *Druid Beliefs*. s/d [a]. Disponível em: <https://druidry.org/druid-way/beliefs#theology>. Acesso em 23/04/2022.

ORDER OF BARDS, OVATES AND DRUIDS. *Arthurian and Grail Lore*. Disponível em: <https://druidry.org/druid-way/teaching-and-practice/arthurian-grail-lore>. s/d [b]. Acesso em e 26/01/2024.

REFORMED DRUIDS OF NORTH AMERICA. *The two basic tenets*. s/d. Disponível em: <http://www.rdna.info/basicstenets.html>. Acesso em 23/04/2022.

SENÉWÉEN. Rowena A. *Símbolos Celtas - 1ª parte*. 2009. Disponível em <https://www.templodeavalon.com/modules/smartsection/item.php?itemid=3>. Acesso em 05/04/2023.

THE BRITISH DRUID ORDER. Awen – *The Holy Spirit of Druidry*. s/d. <https://www.druidry.co.uk/awen-the-holy-spirit-of-druidry/>. Acesso em 03/04/2023.

THE DRUID NETWORK. *An Introduction to the Basics of Modern Druid Practice*. s/d. Disponível em <https://druidnetwork.org/what-is-druidry/learning-resources/shaping-the-wheel/introduction-basics-modern-druid-practice/>. Acesso em 28/11/2022.

VAN DER HOEVEN, Joanna. *Druid Ritual Tools Series: The Cup, Cauldron and Bowl* [video]. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BC30tRTgtSc>. Acesso em 21/03/2022.

VAN DER HOEVEN, Joanna. *The Book of Hedge Druidry: a Complete Guide for the Solitary Seeker*. Woodbury, Minnesota: Llevellyn, 2019.

WILLIAN, Marcelo. *História do Druidismo no Brasil - dia 17*. 2012. Disponível em: <http://avozdodruida.blogspot.com/2012/02/historia-do-druidismo-no-brasil-dia-17.html>. Acesso em 02/11/2022.

ABSTRACT:

Druidry is a religion that professes a faith inspired by the druids, the members of a priestly class that existed among the ancient Celts. Based on the data obtained in a field research with the contemporary druid Alexandre Malhado and on images posted by Brazilian druidic groups on the Internet, we discuss, after a historical contextualization, the presence of druidical iconography at Brazilian cultic spaces, altars and digital spaces. We also discuss how this iconography, largely originating in English-speaking countries, spreads through the Internet, sometimes accommodating, when arriving in Brazil, elements of Brazilian culture, fauna and flora, whose presence is encouraged by the druidic doctrines of sacredness of nature and the so-called three families (soul family, earth family and blood family), which emphasizes the connection with the original Brazilian peoples as much as with the ancient Celts.

Keywords: Druidry; Druids; Celts; Alexandre Malhado; Iconography.

Recebido em 05/09/2024.

Aprovado para publicação em 02/10/2024.